



Epitáfio no presente?

Luis Felipe Nascimento

Certo dia, Deus apareceu para uma pessoa e lhe informou que ela teria mais 60 dias de vida. A pessoa, que confiava em Deus, acreditou que isto realmente iria acontecer. Ao receber esta notícia, não poderia mais continuar vivendo como vivia, pois tinha pouco tempo. Viver menos do que ela imaginava se tornou um problema! Resolveu gastar o capital acumulado, tanto o financeiro quanto o moral. Era hora de fazer aquilo de que mais gostava. Viajou, bebeu, comeu, comprou, transou. Disse tudo o que tinha trancado na garganta. Chutou o balde! Não havia mais o que temer e nem razões para esconder seus sentimentos. Não importava se estava mais ou menos feliz por ter feito tudo o que queria, por ter dito tudo o que disse; não importava se tinha mais ou menos amigos, se fez as outras pessoas mais ou menos felizes. Passados aqueles 60 dias, chegou o seu fim! Eis que Deus apareceu novamente e lhe informou que houve um engano, que na verdade esta pessoa teria mais 60 anos de vida. Diante de tal revelação, ela não conseguiu ficar feliz, pois não estava preparada para viver mais 60 anos. Viver mais do que ela imaginava se tornou um problema!

Sabemos – mas não acreditamos – que a nossa vida pode acabar em 60 dias ou se estender por mais 60 anos. A vida é como aquela brincadeira da “dança das cadeiras”, não sabemos a hora em que a música irá parar e nem se vamos conseguir um lugar para sentar. Saber que vamos morrer não nos faz repensar o dia de hoje, por que achamos que ainda temos muito tempo. Como disse Saramago: “Fugir da morte pode tornar-se num modo de fugir da vida.” Deixamos as coisas mais importantes para fazer no futuro. Poucos são como um amigo que me disse: “Até amanhã, mas me dá um abraço hoje, pois não sei se vai haver um amanhã”. Por outro lado, temos que pensar no futuro, mas não apenas “naquele pé de meia” que vai nos garantir o conforto depois de aposentados. E a reserva de saúde, de reputação, e o estoque de amizades e de amor? Na aposentadoria, vamos viver só do tal pé de meia? Reflexões sobre o que fizemos ou que deveríamos ter feito na vida estão explícitas em canções como “Epitáfio”, da banda Titãs: “Devia ter arriscado mais. E até errado mais. Ter feito o que eu queria fazer...” – letra e música podem ser acessadas em <http://letras.terra.com.br/titãs/48968/>. Diante da certeza da morte, deveríamos nos perguntar: O que fazemos hoje seria o que faríamos nos últimos 60 dias de vida? E o que fazemos hoje nos

leva ao que queremos para nossos próximos 60 anos? Se as duas respostas forem SIM, a nossa reflexão final será um "valeu a pena", como na canção "My Way", de Paul Anka: "Eu vivi uma vida que foi cheia. Eu viajei por cada uma e por todas as rodovias. E mais, muito mais que isso. Eu fiz do meu jeito" – letra e música podem ser acessadas em <http://letras.terra.com.br/frank-sinatra/36413/traducao.html> . Se forem NÃO, então tá na hora de cantar Epitáfio, conjugando os verbos no presente ("Devo arriscar mais. E até errar mais. Fazer o que eu quero fazer...").